



REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR DO PONTO DE VISTA DOS ALUNOS

Prof. Dr. Rogério Ferreira dos Santos

Universidade Federal do Piauí, rogerio@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho traduz o relato de uma experiência com alunos em uma sala de aula na Universidade Federal do Piauí, a partir de reflexões durante a discussão do tema proposto aos alunos inseridos em grupos de trabalhos. E teve como objetivo buscar uma postura pedagógica adquirida pelo professor, identificados pelos alunos dentre várias correntes doutrinárias, e eleger aquelas como identidade pedagógica à metodologia de trabalho vista por estes alunos. E ainda, evidenciando os métodos e as técnicas atribuídos às teorias de professor como papel importante na busca do conhecimento interior, e se está construindo o que se denomina de construtivismo. Foram elaborados encontros semanais durante 04 meses no segundo período letivo do ano de 2015, intercalados por palestras e seminários temáticas por diversas áreas de conhecimento, buscando embasamento teórico e doutrinário com a finalidade de diversidades de identificação da postura pedagógica destes profissionais distribuídos em grupos de 10 alunos, inicialmente sem a participação do professor, e sem qualquer interferência doutrinária ou teórica imposta às discussões, e tão somente com os questionamentos definidos para suscitar os apontamentos empíricos de cada um dos alunos, na busca de intelecto primário e natural, não obstante a experiência de alguns anos de formação acadêmica. E, posteriormente, as reflexões dos alunos foram submetidas às doutrinas de pesquisadores tradicionais cujas teorias contribuíram nas discussões para entender a recusa inicial aos métodos tradicionais empíricos como material didático, que levasse o aluno na aquisição do conhecimento de maneira evolutiva e imposta pela ação do sujeito que detém o conhecimento levando o professor a valorizar o conhecimento existente no aluno, fazendo-o emergir faculdades de seu interior, adquiridas por hereditariedade ou potencial qualitativo da inteligência natural.

Palavras-chave: Educação, Postura pedagógica, Papel do professor.



1. Introdução

Muitos já escreverem sobre as teorias pedagógicas aplicáveis na aprendizagem do ensino como metodologia de fixação do conhecimento. Dentre outras, as opiniões sobre o que deve fazer ou deixar de fazer um profissional que lida especificamente com a forma de ensinar ou transmitir conhecimento, vem sendo motivo de discussão entre os doutrinadores.

Esse profissional, o professor, atua em uma investigação contínua no aluno buscando sua identidade própria, ou seja, o quanto possui de saber e conhecimento, este, empírico ou identificado (científico).

Essas reflexões motivaram a busca de respostas de questionamentos do tipo: qual a performance de transformação do conhecimento? Qual o papel do professor para que se leve o aluno à construção (transformação) do conhecimento a partir do seu próprio interior?

Ademais, absolutamente, definido como postura pedagógica, estará num mundo de teorias e na indefinição de correntes metodológicas?

O artigo tem como objetivo buscar uma postura pedagógica adquirida pelo professor, identificados pelos alunos dentre várias correntes doutrinárias, e eleger aquelas como identidade pedagógica à metodologia de trabalho vista por estes alunos.

E ainda, evidenciar os métodos e as técnicas atribuídos às teorias de professor como papel importante na busca do conhecimento interior, e se está construindo o que se denomina de construtivismo.

As reflexões contribuirão nas discussões para entender a recusa aos métodos tradicionais empíricos como material didático, e que leve o aluno na aquisição do conhecimento de maneira evolutiva e imposta pela ação do sujeito que detém o conhecimento levando o professor a valorizar o conhecimento existente no aluno, fazendo-o emergir faculdades de seu interior, adquiridas por hereditariedade ou potencial qualitativo da inteligência natural.

2. Metodologia

Este trabalho traduz o relato de uma experiência com alunos em uma sala de aula na Universidade Federal do Piauí, a partir de reflexões durante a discussão do tema proposto por um pesquisador e professor dos alunos inseridos em grupos de trabalhos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A experiência teve seu planejamento e sistematização dos procedimentos de trabalho conforme foi sendo sugerido após cada atividade, definindo-se metodologicamente empírica o fim da pesquisa.

Distribuídos em grupos de 10 alunos, inicialmente sem a participação do professor, e sem qualquer interferência doutrinária ou teórica imposta às discussões, e tão somente com os questionamentos definidos para suscitar os apontamentos empíricos de cada um dos alunos, na busca de intelecto primário e natural, não obstante a experiência de alguns anos de formação acadêmica.

O objetivo da experiência teve como eixo central a busca de evidências da postura pedagógica do professor, ante os métodos tradicionais e aqueles definidos como inovadores e construtivistas.

Foram elaborados encontros semanais durante 04 meses no segundo período letivo do ano de 2015, intercalados por palestras e seminários temáticas por diversas áreas de conhecimento, com a finalidade de diversidades de identificação da postura pedagógica destes profissionais.

A cada encontro dos grupos de trabalho para as reflexões do papel do professor se expôs uma temática diferente para as discussões, exigindo-se *empiricamente* relatos de cada aluno de suas convicções naturais sobre a postura pedagógica de cada professor, e cada grupo haver-se-ia consolidar um relato que representasse o pensamento do grupo como um todo.

No segundo momento, foi elaborado um debate com a participação de todos os alunos e professores envolvidos nas palestras e seminários anteriores, a partir do pensamento teórico e científico alguns pesquisadores tradicionais, e apresentando-se as *reflexões sobre o papel do professor do ponto de vista dos alunos*, de acordo com o empirismo e natural discussão baseada naqueles pesquisadores.

A acídia do uso de teorias clássicas e o abandono de definições cientificamente conhecidas (no primeiro momento) foi eixo central para buscar a reflexões dos próprios alunos, e metodologicamente no propósito da busca de respostas dos questionamentos inicialmente definidos para a pesquisa.

Assim a construção de reflexões próprias e naturais comporem-se ia aos resultados e discussão da pesquisa, e como definidos, contribuir cientificamente para a evidenciação da postura pedagógica do professor construtivista, segundo a visão do aluno.



3. Resultados e Discussão

3.1. Papel político construtivista

A naturalidade com que se transforma a sociedade brasileira em partes sociais definidas como entes dominantes do poder sócio econômico e entes promotores do poder pela subordinação econômica social, fundamentalmente, segrega a informação do conhecimento com vistas à manutenção desta sociedade estabelecida.

De fato, sobre cunho social, Ferreiro (1996) afirma que “o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvidas, em um ambiente social”. Ademais, a autora adverte que “as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças” (FERREIRO, 1996, p. 24).

Por outro lado, Gadotti (1998) aponta o campo político-construtivista defendendo que “o estudante é aquele que atua politicamente dentro e fora da escola”. E acrescenta, “é um estudante que tem motivação pela qualidade, pela relevância social teórica do que é ensinado, (...) as relações humanas estabelecidas na escola, discute a gestão da escola, o projeto pedagógico da escola”.

Neste contexto, a parcela da sociedade submetida à privação intelectual, vive numa busca incontestável de superar as barreiras impostas, assumindo direitos preliminarmente concedidos, mesmo numa teoria de sensível timidez de concessão, tal é a cidadania definida politicamente como direito.

No Brasil, em especial, essa sociedade submetida politicamente tem como aparelho de manutenção os sistemas e os modelos da escolarização nas instituições públicas; que elege metodologias tradicionais para oferecer conhecimento. Tudo como imposição do saber filtrado em teoria de comando do poder e autoritarismo.

Não seria diferente, pois o professor construtivista assume papel de colocar nova roupagem na informação direcionada aos menos favorecidos, às classes sociais mais pobres, aos desprovidos de anticorpos da submissão intelectual... uma vez que aqueles de classes sociais elevadas (média e alta sociedade) possuem mecanismos e instrumentos de poder próprio em defesa de seus ideais intelectuais.

Promover o acesso ao conhecimento científico de classes desfavorecidas é garantir-lhes a cidadania concedida no direito natural como cidadão integrante da sociedade. Assim, o professor construtivista, revestido no seu papel, proporciona a massificação do saber indistintamente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Quaisquer que sejam as atividades utilizadas pelo professor como fim de realizar o elo entre o conhecimento e o aluno como receptivo deste, o seu objetivo será garantir um lugar ideal ao perfeito entendimento, associando ação e aprendizagem.

Além disso, Hoffmann (2006) *Apud* Córdoba (2013) também ensina que “o construtivismo parte do princípio que o processo deve ser gradual, já que cada salto cognitivo depende de assimilação e da acomodação internalizada pela criança”.

No entanto, o construtivismo oferecido pelo professor de hoje, utiliza as teorias do empirismo da associação, um conjunto de ações e reações que interagem no momento da aprendizagem através de estímulos externos combinados com agentes internos: o conhecimento empírico natural.

Contrariamente, no entendimento de Ferrari (1996), que se baseia na teoria construtivista de Jean Piaget, nas teorias sócio-interacionistas de Lev Vigotsky, e por fim a psicogênese da língua escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky; tais pesquisadores vieram a afirmarem que “o conhecimento não está nem no sujeito (racionalismo) e nem no objeto (empirismo)”, e sim pela troca entre ambos (sujeito e objeto) interagindo e transformando o conhecimento.

Mas o que se pregoa é total negação às teorias de autoritarismo educacional, imposto no exterior científico para um interior considerado como vazio e oferecendo total valorização às faculdades existentes. Esta ideia parte de primícias resultantes de conceitos como espontaneidade, construção, antes/durante/depois como ambiente de desenvolvimento progressivo, etc. possibilitando o transporte de conceitos da infância (individualidade de existência) aos conceitos na maturidade do conhecimento pela ação de grupo social estabelecido (faculdades científicas e tecnológicas).

Na verdade, o professor funciona nesta relação como mediador, evitando desfuncionamento desta interação e agindo diretamente na causa e na ação de elo, através de questionamentos, levando o aluno a efetuar comparações, sequências de fatos e, sempre garantindo a espontaneidade do aluno.

3.2. Papel Mediador

A aprendizagem sempre foi centrada na utilização de bens para associação como uma mediação do conhecimento, tais como: objetos, livros, revistas de comunicação de massa, os próprios colegas de classe, professor e pessoas da relação de ações/ambiente.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

No construtivismo o professor se coloca na função de mediador, ou seja, o elo entre o sujeito e o objeto do conhecimento, inclusive tornando a informação como verdade de ser e agir, capacitando o objeto à realidade do mundo como existência e como ação sobre si mesmo.

Utiliza-se a simbologia como cognato do conhecimento e aparelha esse processo por instrumentalidade. A palavra é a maior de signos nesse contexto e os objetos funcionam como meio. Assim, a mediação garante a aprendizagem por um processo de assimilação, acomodação e organização do sujeito, sendo o aluno sujeito e objeto no mesmo momento.

Sobre o instrumentalidade ou objeto, Vygotsky (1984, p. 64-66), embora centrado em suas concepções psicológicas, defendeu que este tem total força motivadora inerente, e simboliza a ideia de que toda percepção humana é feita de percepções generalizadas, e mais, o autor afirma que o objeto é dominante na razão objeto/significado e o significado subordina-se a ele.

Na verdade, acontece uma química estabelecida no processo de mediação em que o professor se coloca nesse papel: ocorre reação se o professor é o mediador, acelerando o processo, porém o contrário ocorre também, inibindo-se a ação quando o professor exime-se da relação ou ainda evitando a existência dessa ação.

A mediação é perceptível quando se constrói ambientes distintos: ação sobre o objeto como primeiro ambiente e repensar a ação como um ambiente posterior. A mediação do professor é feita com total segurança e controle da ação, fazendo existir a reflexão crítica, aceita pelo aluno, porém contestando por um raciocínio próprio, a partir de sua experiência. O que caracteriza o desenvolvimento do conhecimento por mediação.

A ideia de mediação vem servir de resgate dos organismos intelecto-profissional na formação do conhecimento, ou seja, a presença do professor é necessária, não obstante a utilização de meios promoverem o conhecimento.

Pois, o professor é responsável pela formação de opiniões com mudança social, produzindo agente de bem estar do ser humano. A sala de aula é o laboratório dessa química de ação e reação, produzindo relações sociais entre objeto e sujeito, como fim ao conhecimento.

3.3. Papel do professor no erro

A busca de saber através de erros, consiste em utilizar os próprios meios existentes, caminhando por um ambiente conhecido, embora não estabelecido como verdade, mas com proximidade ao admitido como tal.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A propósito Ferrari (1996) *Apud* Córdoba (2013) ensina que “os erros são um momento de construção de conhecimento, e devem ser valorizados, pois nada mais revelador de funcionamento da mente de um aluno do que os supostos erros, porque evidenciam como ele releu o conhecimento aprendido”.

Essa possibilidade constrói falhas nos resultados, contudo, estabelece a existência do conhecimento. E o raciocínio é essa verdade. A hipótese é a máxima popular: ninguém atende sem errar!

A mediação no processo de valorizar o erro se dá por três linhas:

- *Estabelecer um equilíbrio como vigilância a partir de correções;*
- *Coordenar a ação para garantir a assimilação do conhecimento;*
- *Compensar os erros ocorridos por acertos, como reconhecimento de evolução.*

O construtivismo possibilita ao professor atuar nessa performance, utilizando os meios já mencionados, reconhecendo seu papel mediador. Porém, tomar essa metodologia como prática de vistas grossas aos erros, aceitando-os sem filtrar, é acometer-se no abismo da sanidade comprometida.

O professor construtivista consegue selecionar perfeitamente as ações tidas como erros, no processo de apoio ao objeto (aluno) para atingir o acerto, através de seu raciocínio.

Isso ocorre pela qualificação da estrutura existente, onde o aluno começa com identificação da ação e posteriormente possa compreendê-la e, noutro estágio, utilizar processos que facilitem o raciocínio evolutivo como signos e palavras.

Este raciocínio dos signos e palavras não provém do natural, pois segundo Vygotsky (1984, p. 33), “seria um erro acreditar na espontaneidade do conhecimento como resultado da lógica, embora exista o objeto indireto (mediador), a criança não deduz de forma súbita de signos e métodos de usá-los”.

Na verdade, ocorre uma eleição de hipóteses e teorias como direcionador da ação e vertentes de etapas eletivas para demonstrar o conhecimento: com estratégias, técnicas, instrumentos e ordenamentos.

3.4. Papel de criador de atividades

O professor construtivista é aquele que assume o papel de criador de atividades.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Porém, na escola tradicional, a sala de aula tem uma organização linear, de cima para baixo. O professor é o sujeito do processo e o aluno é o objeto.

Tudo está centrado na figura do professor, enquanto que o aluno tem que ouvir tudo o que o professor diz e então assimilar e depois reproduzir serão idênticos, mas com as palavras pelo aluno ouvidas. O sistema é rígido e autoritário, o tempo é limitado.

Faz lembrar a metodologia Skinneriana, ou seja, preparar o indivíduo para uma finalidade específica, esquecendo o seu eu, a sua condição de pessoa, com direito de pensar, dar opinião e até mesmo participar ativamente do desenvolvimento de sua comunidade (OGASAWARA, 2009).

Haja vista as Escolas Técnicas (Institutos Federais de Ensino Tecnológico) criadas no Brasil com único propósito de moldar a pessoa em autênticas máquinas manobráveis, ou seja, homens robôs.

Já a escola construtivista tem sua sala de aula divergente e convergente simultaneamente. Divergente no sentido de que todos participam do processo em que todos são o sujeito, participando das atividades criadas pelo mediador, e convergente porque vão todos caminhar em busca do(s) objetivo(s) dessa(s) atividade(s).

Nesse processo de inter-relação construtivista, a escola perde a rigidez, o horário e a duração das atividades ficam sujeitos ao tempo de execução e conclusão das mesmas.

O material bem como as atividades, ficam a critério do professor ou dos próprios alunos mediante orientação do seu professor, de acordo com a área de atuação de cada um, tornando o ensino uma atividade preguiçosa, senão pouco cansativa.

4. Conclusões

Este trabalho teve como resultados a apresentação das reflexões sobre o papel do professor construtivista no ponto de vista dos alunos, a partir de uma experiência de grupos de trabalho, abandonando teorias clássicas e definições doutrinárias, para conseguir o objetivo central da pesquisa que foi a busca de empirismo natural das concepções dos alunos a cerca da postura pedagógica de cada profissional observado durante as atividades desenvolvidas.

Foram realizadas também as atividades de palestras e seminários como objeto de observação com o ponto de vista dos alunos envolvidos nos grupos de trabalho, dos temas de referências bibliográficas expostas por profissionais de educação, com o fim de identificação da postura pedagógica destes.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As preposições questionadas foram superadas e, atingidos os objetivos através dos relatos e o desenvolvimento sistematizado daquelas concepções, evidenciadas nas reflexões dispostas ao longo deste resumo expandido, que refletem o contexto operacional da pesquisa.

O aprendizado e acréscimo científico estão centrados na postura acadêmica de cada aluno, expondo sua maturidade e concepção na reflexão, quando define metodologicamente revestido do empirismo acadêmico, o papel construtivista, papel mediador, papel no erro e papel nas atividades de um profissional de educação.

5. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Maria Cristina P. Stella de. Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula. In: *Ensino de ciência: unindo a pesquisa e a prática*, Anna Maria Pessoa de Carvalho (Org.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. p. 19-33.

BECKER, F. O que é construtivismo? In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 83, abr./jun. p. 7-15. Brasília: AEC-Unb, 1992.

CÓRDULA, Eduardo B. de Lucena. *Construtivismo e o ensino-aprendizagem na sala de aula*. Disponível em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0394.html>>. ISSN 1984-6290. Acesso: 20.06.2016.

DEPRESBITERIS, Léa. *Avaliação de aprendizagem do ponto de vista técnico-científico e filosófico-político*. Disponível em <www.itc.nutes.ufrj.br/.../ideais_avaliação-lead.pdf> Acesso: 02.07.2015.

FERRARI, Márcio. Emília Ferreiro. In: *Revista Educar e crescer*. 01 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.educarparacrescer.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/jean-piaget-428129.shtml>> Acesso em 01.08.2016.

FERREIRO, Emília. *Alfabetização e processo*. São Paulo: Cortez: 1996.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 26ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

MARTINS, Maria Anita Viviani. *O professor como agente político*. 4ª ed. São Paulo: out. 1995.

OGASAWARA, Jenefir S. V. *O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky: um diálogo possível*. (Monografia). Salvador: UNEB, 2009.

VYGOTSKY, L. *A formação da mente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1984.